

Definindo as sendas e buscando o norte

Se, como afirmado anteriormente, as edições de 1812 e 1857, às quais pode-se acrescentar ainda o manuscrito de Öllenberg ⁶, constituem instigante território no que respeita à investigação do projeto norteador da coletânea dos irmãos Grimm, coloca-se de imediato como procedimento necessário o cotejo entre estas escritas. Mais explicitamente, significa isso dizer que a tarefa a ser executada é, em primeiro plano, comparativa. Convém, entretanto, esclarecer que minha eleição pelo comparativismo no campo amplo dos estudos literários ultrapassa aquele domínio prescrito pelo estudo limitado ao comércio exterior, vale dizer, como braço que se estenderia da história literária. ⁷ Desnecessário, portanto, afirmar que parto da reformulação de antigas noções tais como fonte, influência, original, as quais, se aqui comparecem, o fazem para redimensionar os traços de dependência que faziam do texto receptor mero receptáculo passivo das influências externas.

Com efeito, adverte Tânia Franco Carvalhal (1996), a virada para o século XXI, propícia para o balanço das perspectivas da prática comparatista, vem acompanhada não apenas do enlace benéfico da disciplina com as teorias literárias, mas da ênfase em atuações interdisciplinares. À medida que desponta e ganha relevância como exercício eminentemente mediador, fundamentalmente ancorado numa atitude que põe em relação uma variedade de textos, alarga suas fronteiras, abarcando diferentes formas de leituras e convenções. Desse modo, passa ela também a articular-se produtivamente com as teorias, inquirindo e aprofundando questões tais como, a figura autoral e o valor literário de biografias

⁶ Referência às páginas encontradas na Alsácia, designadas pelo nome do Mosteiro onde foram localizadas. Mais adiante, pretendo aludir ao fascínio exercido por esse manuscrito, bem como sua importância na investigação da gênese do acervo.

⁷ Cf. estudo de Wellek (1994) acerca das designações e da natureza atribuídas à Literatura Comparada, ao longo de sua gestação. V. outrossim as tarefas definidas por Van Tieghem para a disciplina. “Ela prolongará em todos os sentidos os resultados obtidos pela história literária de uma nação, reunindo-os com os que, por seu lado, obtiveram os historiadores das outras literaturas, e desta rede complexa de influência se constituirá um domínio à parte.” (Van Tieghem, 1994, p. 96)

(Rothier, 2002), as relações entre música e literatura, entre esta última e as geografias urbanas, etc. (Carvalho, 2003).

Contudo, dentre as múltiplas relações tensionadas pelo estudo comparatista, aquelas concernentes à tradução assomam como mecanismo em que os vínculos entre autoria e recepção podem ser observados de modo privilegiado. É nesse sentido que Paz, referindo-se à criação inerente a todo trabalho de tradução, bem como à mútua fecundação que dela resulta, considera que a “ (...) historia de la poesía europea podría verse como la historia de las conjunciones de las diversas tradiciones que componen lo que se llama la literatura de Occidente (...)” (Paz, 1991, p. 73). Com efeito, aos tradutores tem sido comumente delegada a tarefa de agenciar a circulação de textos e idéias, como bem anota Tânia Franco Carvalho em *O próprio e ao alheio*.⁸ Outrossim, Yves Chevrel (1989) e Brunel (1990) recortam a importância capital das traduções no comércio cultural, advertindo ademais o primeiro, que este se dá mediante uma articulação na qual a recepção desempenha um papel privilegiado.

Todavia, o estudo comparado no âmbito das traduções não se limita ao exame de textos vertidos entre idiomas diferentes, uma vez que as próprias teorias contemporâneas de tradução exigiram o alargamento de fronteiras, enveredando por questões da linguagem em que desponta a problematização da elaboração artística.

No exame dos processos de transferências culturais, os estudos de traduções, juntamente com as teorias sobre a tradução, tornam-se relevantes, na medida em que traduzir ilustra o próprio processo estético. (Carvalho, 1996, p. 16)

Assim, se as teorias sobre tradução debruçam-se, por exemplo, sobre as relações entre literatura e cinema, explorando e colocando em tensão esses espaços narrativos, cuja especificidade sustenta-se sobre a particularidade dos suportes, elas não apenas refletem a implosão do que se afiançava tradicionalmente para a tradução, mas também amplia o domínio dos estudos comparados que a ela se dedicam, testemunhando uma troca de saberes fértil e estimulante. Não é, pois, fortuito que passe a se voltar também àquelas áreas afins à tradução, como o são as paráfrases, às adaptações, as paródias (Nitrini, 2000),

⁸ Citando a Steiner, lembra que a tradução é substantiva aos estudos de literatura comparada, acrescentando ainda que a ela soma-se o viés das relações interdisciplinares.

todas elas operações que se movem no campo amplo da tradução. (Sant'Anna, 1985)⁹

Com este preâmbulo acerca dos amplos domínios da literatura comparada, sobre sua natureza eminentemente interdisciplinar e poderia mesmo acrescentar transdisciplinar, dado que transita e dilui os limiares dos saberes constituindo-se ela mesma como saber móvel (Carvalho, op. cit.), procurei delinear o marco metodológico. Ele é, pois, cedido pelo viés híbrido dos estudos comparatistas, visando uma leitura que confronta, contrasta até o limite difuso das bordas, desenhado pelas disciplinas que se desejavam seccionadas. Contudo, as referências ao procedimento adotado conduziram ao problema da tradução, como domínio privilegiado dos estudos comparatistas. E com isso assomaram as questões concernentes às teorias que deverão aliar-se ao empreendimento de cotejar as edições do acervo, de modo a por um lado, esquadrihar seu projeto norteador e, por outro, forçar os próprios limites traçados pela obra.

Aqui, porém, faz-se necessário um parêntesis que esclareça o viés teórico eleito. Em primeiro lugar, é preciso mencionar que ao escrever a dissertação de Mestrado sobre a recepção dos Grimm na obra de Monteiro Lobato, recortando em especial suas traduções e adaptações de alguns dos contos da coletânea, evidenciou-se para mim o fato de os Irmãos terem ajustado as narrativas ao horizonte de expectativas do novo público leitor. Outrossim, Lobato adaptando-os para as residências brasileiras de meados do século XX, esteve atento às ingerências de seu público alvo. O recorte teórico então foi calcado nas teorias da estética da recepção de Jauss, e do efeito, de Iser. O resultado dessa investigação, erigido a partir desta fundamentação teórica, embora satisfatório, demonstrou que o recorte feito respondia apenas parcialmente às minhas inquietações. Ainda que se sobressaísse na pesquisa a operação voltada a ajustar às narrativas ao âmbito do que se designou literatura infantil – ou contos para a infância e para o lar, como sublinha o título dado à obra –, o fato não explica que, modificado o quadro de recepção dois séculos depois, o acervo continue respondendo a uma demanda, não

⁹ Ao articular paródia, paráfrase, estilização em um modelo operacional que redimensiona o dualismo proposto por Tynianov e Bakhtin para os dois primeiros termos da tríade, Sant'Anna situa os três ao pé de uma pirâmide, em cujo cume localiza-se a autoridade do “texto original”. O modelo, ainda que aprofundado em outras seqüências, encena estar sua base calcada numa relação que é fundamentalmente de tradução, como aliás explicita o autor ao tratar da paráfrase e da tradução. Sobre a relação paráfrase e tradução, cf. ainda a definição de *rewording*, enquanto reformulação no corpus da mesma língua, no “Aspectos lingüísticos da tradução” (Jakobson, 1995)

apenas crescente, mas também orientada a outras fatias do mercado.¹⁰ Donde se impôs para mim uma certa premência em modificar o olhar, i.e., alterar a perspectiva com a qual me familiarizara no intuito de, percebendo o mesmo objeto por outros ângulos, ressaltar frinchas, fendas ainda ensombrecidas pelo olhar viciado. E é preciso dizer, sem qualquer receio de pagar os devidos tributos, que os seminários ministrados pelo curso de doutoramento da PUC-Rio, de modo geral e, em especial, pela Prof^a Yunes, foram cruciais para esta necessária revitalização do olhar, obrigando-o a deslocar-se dos sítios a que se habituara.

Com esse intuito, abri as páginas da coletânea *Kinder–und Hausmärchen* naquela edição fac-símile em que se reproduz o volume com as anotações de próprio punho, de Wilhelm, datado de 1812. Fixando o olhar no quadro emoldurado pelas margens brancas, muitas vezes, entretanto, atravessadas pelas veias negras daquela caligrafia nervosa e quase indecifrável, dei-me conta que estava diante de uma imagem.

Uma página escrita é, de um lado, leitura, de outro lado, quadro e visão, o legível e o visível têm fronteiras e lugares em comuns, recobrimentos parciais e encavalamentos incertos. (Marin, 1996 , p. 117)

O quadro, portanto, que via me infundia um certo incômodo, provocado por aquelas linhas negras des(a)fiando-me desde as bordas das páginas. Rasuras, riscos, enxertos, sobreposições, enfim um sem número de gestos que testemunham um processo penoso de escrita, cuja dor não comparece no texto final, acabado e entregue ao leitor.¹¹

Esta “memória espacializada” (Miranda, 1996) indicava-me, portanto, algo que se esvai e simultaneamente deseja reter-se. Um movimento sempre em busca de, e que permanece, contudo, fadado a falar do próprio movimento que o constitui. Inquirir essa gestualidade por meio do estudo comparado foi o viés encontrado para não só indagar o que norteava o projeto, mas também desconstruir os discursos que erigiram a obra como patrimônio e cânone da literatura infantil.

¹⁰ Vide tradução editada pela DCL. Mais recentemente, e numa acepção mais ampla de tradução, pode-se mencionar ainda a leitura feita para o cinema por Terry Gilliam, intitulada “Os Irmãos Grimm”.

¹¹ V. a respeito noção de arquivo como escrita não acabada, como ‘memória espacializada’ in Miranda (1996)

A fundamentação teórica, portanto, teria que não apenas tratar das questões concernentes ao trabalho com arquivo – e nesse sentido, sobretudo, advertir-me para os perigos advindos da sedução da origem – mas, muito mais do que isso, auxiliar-me a compreender e enunciar esse movimento de reescritura constante que peculiariza o acervo.

Continuando, pois, a admirar o desenho da caligrafia na página, logo se interpôs a miragem de quem segura a pena, se lê e se reescreve, uma duas, três ao todo, sete vezes. Donde, um processo incessante, a apreensão persecutória.

Acontece que um homem que segura um lápis, mesmo que queira fortemente soltá-lo, sua mão, entretanto, não o solta, ela fecha-se mais, longe de se abrir. A outra mão intervém com mais êxito, mas vê-se então a mão a que se pode chamar doente esboçar um leve movimento e tentar retomar o objeto que se distancia. (Blanchot, 1987, p. 15)

Como designar esta “enfermidade” que assalta e enclausura a mão num tempo que é do eterno movimento em busca de. Se este é também o tempo da minha escrita e da minha procura, ambos – eu e aqueles que leio – doentes de uma renitente procura, se elaboram no processo de leitura e escrita, sempre intermediada pela alteridade do texto lido. Se posso desenhar este segundo quadro, ele seria labiríntico: um eu que lê e traduz para uma certa escrita uma dada leitura – ela também, por sua vez, tradução de tantas leituras que lhes são anteriores.

Com esta sucessão especular de imagens, quero suscitar não apenas o fascínio pela origem, da qual, entretanto, gostaria de se resguardar o pesquisador, mas apontar para uma fundamentação teórica, capaz de articular esta leitura/tradução dos Grimm com o encantamento provindo do original.

Nesse sentido, o caminho apontado pelo livro *La experiencia de la lectura*, de Jorge Larrosa (1996), sugere um recorte teórico que pode responder aos propósitos delineados para a investigação do acervo. Com efeito, se o intento é compreender a passagem do texto original, mormente calcado na voz para o livro educativo configurado na escrita dos Grimm, o vínculo ente leitura e tradução investigado por Larrosa pode ser um viés capaz de contribuir na elucidação dos possíveis conflitos advindos da operação. No entanto, para uma aproximação razoavelmente satisfatória do alvo delineado, devem se juntar ao pensador espanhol, estudos que explicitem, de um lado, as performances calcadas na

oralidade vigentes naquela organização social que precede a coleção e, por outro, as práticas de leitura impostas pela presença do livro impresso. Um olhar atento às diferenças entre estes dois cenários deve fazer ressaltar a urgência de uma leitura atualizada enquanto tradução. Convém, portanto, recorrer, por uma parte, às observações do medievalista Zumthor para explicitar a importância outrora da voz, e, por outra, aos estudos da história da leitura, bem como aos da história das mentalidades, para compreender o modelo de leitura erigido a partir do livro. Ainda neste domínio acerca das transformações que emolduraram a elaboração do *Kinder-und Hausmärchen*, importa averiguar a mutação, vale dizer, traduções por que passou o termo *Märchen* dada sua importância central no título que consagra a obra. Outrossim, valeria mais uma vez sublinhar o papel crucial deste novo destinatário, presente igualmente no frontispício do livro – o lar e a infância.¹²

Com este referencial teórico, procuro, pois, dar conta do entorno à obra, evidenciando um processo de leitura consubstanciado necessariamente como tradução. É importante, todavia, anotar que quando Jorge Larrosa inquire sobre o elo leitura e tradução, salienta que esta última não pode ser entendida como o traslado tranqüilo de uma fileira de palavras. E isso não apenas pelas diferenças inerentes às culturas por elas anunciadas, mas também e, principalmente, devido ao fato de o próprio original ser ele mesmo uma leitura, e, como tal, fixar-se em lugar nenhum.¹³ Assim como “un texto traducido es a la vez el mismo texto y otro texto, un libro leído es simultaneamente el mismo libro y otro libro” (Larrosa, op. cit., p. 301).

Notar a instabilidade desse lugar designado como original, por um lado e, por outro, sublinhar que sua temida e simultaneamente reverenciada autoridade provém justamente dessa ilusão de ótica que lhe caracteriza – o local que se crê parado, mas que ao ser perseguido, move-se sempre mais aquém dos passos de quem o busca – pode fazer a pesquisa avançar no sentido de definir os contornos dessa leitura configurada como tradução. De fato, se houve efetivamente uma passagem de um conjunto de textos situado no enclave de épocas distintas entre si, essa passagem dificilmente seria serena, seja pelas singularidades que as demarcam, seja pela concepção de tradução vigente no período.

¹² Retomo neste último item, parcialmente, extratos da pesquisa empreendida na Dissertação.

¹³ Lembrando a etimologia de utopia, poder-se-ia dizer que o original é sua miragem.

Desse modo, o estudo deverá ser conduzido basicamente em duas etapas. A primeira delas dedicada a delinear o que cerca a obra, ressaltando, sobretudo, as diferenças do público leitor e seus usos de leitura. Ponto nodal, portanto, é a premissa segundo a qual os Grimm foram leitores e mediatizadores de um elenco de narrativas provenientes de uma dada organização social, que diferia do público moderno no qual passou a circular.

A segunda parte deverá centrar-se nos problemas concernentes à passagem aludida, vale dizer, aos possíveis conflitos inerentes a uma dada concepção de tradução que caberá salientar. A perspectiva anterior deve ser, portanto, examinada ao revés. Se lá o fio condutor afirmava que todo leitor é em alguma medida tradutor, aqui se pressupõe que todo tradutor é também em alguma medida leitor. Onde, o trabalho edifica-se sobre a intenção de ler o acervo a partir de olhar que seja ele também híbrido e móvel, como o são as premissas sobre as quais repousa.

Por fim, se é pertinente a idéia segundo a qual toda leitura é uma forma de tradução, assim como deve ser legítima a suposição inversa – toda tradução é uma forma de leitura –, e dado que procedo, da minha parte, a um trabalho constante de leitura, talvez se justifique acrescentar à tese algumas traduções. O procedimento me parece não só afiançável, mas necessário, pelo fato de que as edições às quais farei menção – 1812, e o manuscrito de Öllenberg, hoje publicado –, não foram ainda traduzidas no Brasil (algumas narrativas permanecem mesmo inéditas). Com isso, entretanto, não pretendo dar ao leitor em português a integralidade do original, mas apenas uma tradução, a partir da qual construo a minha leitura.

Pois então, comecemos.